

manidade, que aquilo era uma despesa absolutamente inócua e que iria pesar demasiadamente no orçamento de qualquer povo, até que ele conseguisse o apoio de Fernando e Isabel, os então soberanos de Castela. Mas nós hoje sabemos, depois de quase 5 séculos, qual a importância do feito. Então nós não podemos, também, acusar os nossos irmãos que estão se dirigindo à Lua para pesquisas que devem ser consideradas da máxima importância para o nosso progresso futuro, porque as despesas efetuadas com isso serão naturalmente compensadas, talvez com a tranquilidade para uma sociedade mais pacífica na Terra, porque senão entrarmos, por exemplo, num conflito de proporções imensas, então na Lua é possível que o homem construa as cidades de vidro, as cidades-estufas, onde cientistas possam estabelecer pontos de apoio para observação da nossa Galáxia. Essas cidades não são sonhos da ciência, essas cidades, naturalmente com muito sacrifício da humanidade terrestre, podem ser feitas e provavelmente — vamos dizer — vai-se obter azoto e oxigênio e usinas de alumínio e formações de vidro e matéria plástica na própria Lua para a construção desses redutos, produtos da ciência terrestre e provavelmente a água fornecida pelo próprio solo lunar. Então, teremos, quem sabe, a possibilidade de entrar em contato com outras comunidades da nossa Galáxia. Então vamos, definitivamente, encerrar o período bélico na evolução dos povos terrestres, porque nós vamos compreender que fazemos parte de uma só família universal, que não somos o único mundo criado por Deus. O próprio Jesus a quem reverenciamos como Nosso Senhor e mestre, disse: “Há muitas moradas na casa de meu pai”. Portanto, nós precisamos prestigiar a paz dos povos, a tranquilidade de todos com o respeito de todos, com a

veneração máxima pela ciência para que nós possamos auferir esses benefícios num futuro talvez mais próximo do que remoto, se nós fizermos por merecer.

É o limiar dos tempos novos.

Almir Guimarães — O sr. José Polianzi, rua Hôrto Florestal, 70, pergunta: Por que em 1935 Chico Xavier anunciou em um livro que o planeta Marte era habitado e as sondas americanas comprovaram que o planeta era deserto igual à Lua?

Chico Xavier — O caso tem sido estudado por nós com o espírito de Emmanuel, mas conquanto acatemos com muita sinceridade todas as afirmações da ciência, nós precisamos considerar, e isto entre parêntesis: não é uma resposta despistadora, — nós precisamos esperar o progresso da ciência na descoberta mais ampla e na definição mais precisa daquilo que nós chamamos de antimatéria, que muitos cientistas hoje, chama de matéria às avessas para que possamos compreender o assunto de modo popular. Então nós sabemos que o espaço não está vazio, conquanto as afirmações da Ciência e as sondas possam trazer respostas negativas do ponto de vista físico, nós precisamos compreender que a vida se estende em outras dimensões. E nós estamos no limiar de tempos novos em que a Ciência descortinará para nós todos um futuro imenso diante do Universo, Então, será necessário esperar que a Ciência possa compreender e interpretar para nós outros, os filhos da Terra, a vida em outras dimen-

sões, outros campos vibratórios. Allan Kardec, nas perguntas e respostas de números 56 e 57, se a memória não me está falhando, em "O Livro dos Espíritos", explica que a Natureza dos mundos e a Natureza material ou física dos habitantes desses outros mundos podem ser muito diferentes dos habitantes da Terra. Nós podemos perfeitamente encontrar um mundo que, para nós, do ponto de vista fisiológico da matéria considerada matéria densa na Terra, nós podemos encontrar um grande espaço físico despovoado e esse espaço, considerado por nós tão somente físico, pode ser a arena de grandes lutas evolutivas, de cidades, de comunidades que nós, de momento, não podemos entender. O nosso André Luiz nos fala com tanta precisão e segurança da cidade denominada Nosso Lar nos espaços terrestres sobre determinada região do Brasil. É uma cidade perfeitamente constituída de entidades espirituais, mas uma cidade com todos os apetrechos de trabalho e com todos os elementos de estudo para satisfazer a nossa fome de conhecimento e de progresso.

Almir Guimarães — Chico, tenho aqui uma outra pergunta do telespectador. Pergunta do sr. Milton Antonioli, morador na rua Urânio, n.º 8: Como Chico Xavier explica a fotografia tirada por um espírito de um espírito?

Chico Xavier — Naturalmente que se o espírito se materializa para ser colhido em sua expressão física, vamos dizer assim, pela objetiva fotográfica, naturalmente que ali perto ou junto dele está alguém com potencialidades mediúnicas para efeitos físicos muito pronunciados.

Reale Jr. — Eu gostaria de ter um depoimento de Chico Xavier sobre a atuação desenvolvida pelo arcebispo do Recife, d. Helder Câmara.

Chico Xavier — Conheço as notícias do nosso amigo Arcebispo mencionado através da imprensa. Não posso emitir qualquer julgamento porque, conquanto respeite com todo o meu coração e com toda a minha alma a Igreja Católica e as doutrinas católicas, eu não posso dizer coisa alguma porque não estou na área católica presentemente e não poderia estabelecer um critério de qualquer crítica, crítica essa de qualquer sentido sobre as atividades do Arcebispo residente em Pernambuco.

A síntese poética

Almir Guimarães pediu a Chico Xavier, em seu nome e em nome do auditório e dos telespectadores, após 2 horas e 45 minutos de programa, que tentasse psicografar "uma mensagem dos seus Guias".

Chico Xavier respondeu: "Vamos tentar". Almir pediu silêncio, no auditório repleto o silêncio foi absoluto. Chico pediu: "Um pouquinho de música para ajudar." Ouviu-se uma suave melodia e o médium se pôs a psicografar com extrema rapidez.

Terminada a recepção, Almir anunciou que Chico Xavier ia ler. Nem ele mesmo parecia ter percebido o que psicografara. Leu em tom de prosa, com certa dificuldade. E era um soneto, um primoroso alexandrino de Cyro Costa, no estilo e no espí-